



Analyce Santa Rosa do Carmo de Carvalho

DIRETORAS DO CINEMA: Uma análise da linguagem cinematográfica de Agnès Varda e sua importância nessa indústria

**Rio de Janeiro
2022**

Analyce Santa Rosa do Carmo de Carvalho

DIRETORAS DO CINEMA: Uma análise da linguagem cinematográfica de Agnès Varda e sua importância nessa indústria

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador(a): Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor

Rio de Janeiro

2022

*Dedico esse trabalho à minha família, amigos e a todos
que incentivam meu amor e interesse pelo cinema.*

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo à instituição Fiocruz, por ser exemplo em ciência e ter feito a diferença durante esses tempos difíceis de pandemia.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio por descentralizar o saber, por ampliar meu conhecimento, oferecendo aos estudantes eventos de participação coletiva sobre diversos assuntos, entre eles o audiovisual e, mais do que tudo, por me dar a oportunidade de conhecer profissionais e professores de extremo exemplo, que, com certeza, serão lembrados por todo o meu caminho.

Agradeço às amigas que a Poli me deu, Andryelle Soares, Ana Karolina Kobi, Julia Simons, Bianca Pio, Lívia Freitas, Maria Clara Rangel, Yasmin Iglesias e Wanessa Bezerra, por todas as risadas, abraços, momentos mais que inesquecíveis e por toda a companhia durante os melhores e os piores dos tempos, durante qualquer tormenta ou dia de sol. Obrigada por me fazerem parte.

Quero agradecer às amigas de “outros carnavais”, mesmo às vezes tão longe, sempre perto. Obrigada por sonharem junto comigo e me apoiarem em tudo. Especialmente Bruna Neves, a quem conheço desde que me entendo por gente e continua comigo.

Agradeço à minha família por sempre me incentivar e me mostrar que o melhor caminho é sempre pelos livros.

Agradeço à minha orientadora, primeiramente por ter aceitado me orientar e depois por ter feito isso com tanto louvor. Além de instigar mais ainda o meu interesse pelo cinema e seus estudos.

Agradeço também à minha banca, em especial, à professora Verônica, que, antes de ser parte dela, foi minha professora e, apesar de ter tido poucas aulas com ela, nunca pude deixar de admirar seu trabalho e seu amor pela arte. Obrigada por me inspirar a procura pela arte.

Por fim, agradeço principalmente a todas as mulheres, diretoras, produtoras, atrizes, roteiristas, por influenciarem e transmitirem, por meio do cinema, com o passar do tempo, mulheres cada vez mais reais, fazendo assim com que isso, de algum modo, mudasse, nem que um pouco, a maneira como o mundo observa e coloca as mulheres.

“O cinema é o modo divino de contar a vida”

Federico Fellini

RESUMO

O intuito deste projeto é analisar a linguagem cinematográfica de Agnès Varda, uma das diretoras mais reconhecidas no cinema mundial, que começou sua carreira em uma época em que poucas mulheres dirigiam filmes. Em seus projetos, Agnès Varda aborda com um olhar único e realista críticas sociais como o feminismo. Além disso, objetivamos verificar como a dominação masculina na área cinematográfica vem implicando em menos visibilidade ao trabalho de mulheres como diretoras, que tem seus filmes não tão bem recebidos por grandes empresas, institutos cinematográficos e até mesmo pela população, comparados a filmes dirigidos por homens, por abordar as histórias dos filmes com um olhar que não o padronizado pela indústria construída por homens. Para o desenvolvimento deste estudo será usada uma metodologia qualitativa, de caráter exploratório, com base na revisão bibliográfica de artigos e livros, disponíveis nas bases de dados Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e por análise fílmica de fragmentos cinematográficos, de acordo com Alain Bergala.

Palavras chave: Cinema - Agnès Varda - feminismo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mulher com os pés para o alto enquanto homens fazem os trabalhos da casa em "As consequências do feminismo"	11
Figura 2. A cineasta e fotógrafa Agnès Varda no início da sua carreira	13
Figura 3. Imagem retirada de "La Pointe-Courte", primeiro filme de Agnès Varda	18
Figura 4. Edição de fevereiro de 1961 da revista Cahiers Du Cinéma	20
Figura 5. Cena do filme "Cléo de 5 às 7" de Agnès Varda	21
Figura 6. Cena do filme "Os Renegados", de Agnès Varda	22
Figuras 7 e 8. Cenas do filme As praias de Agnès	24
Figura 9 e 10. Cenas do filme As praias de Agnès	25
Figura 11. Cena do filme As praias de Agnès	25
Figura 12. Cena de As praias de Agnès	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
JUSTIFICATIVA	13
OBJETIVOS	15
OBJETIVO GERAL	15
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
METODOLOGIA	16
CAPÍTULO 1:AGNÈS VARDA E O CINEMA FEMININO	17
1.1 VARDA E O NOUVELLE VAGUE	18
1.2 A VISÃO CINEMATOGRAFICA DE AGNÈS E SUA INFLUÊNCIA	23
CAPÍTULO 2: AS PRAIAS DE AGNÈS E A VIDA DE VARDA EM SEU CINEMA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

O tema para esta monografia surgiu a partir de uma percepção dos roteiros e representações femininas em filmes, tomando como ponto de observação uma visão própria. O assunto cinema sempre foi de meu interesse. Explorar diversas versões de uma história, enquadrar de diversos modos uma única imagem e, com isso, poder entender e ver pelos olhos de outra pessoa. Ao verificar que homens ocupam um maior espaço na indústria cinematográfica, toma-se consciência de que nem todos podem contar histórias de seu ponto de vista. Devido à vivência de experiências desiguais entre homens e mulheres, tanto na história, como ainda hoje em dia, talvez o olhar feminino traga uma diferente percepção em um filme.

Independente de todas as conquistas de direitos que as mulheres tiveram ao longo do tempo, das lutas diárias das mulheres até movimentos feministas marcados na história como o movimento sufragista feminino, que lutou pelo direito de voto da mulher, as mulheres, ainda sim, são menos validadas em múltiplas áreas de trabalho, tanto na ciência, na política e na arte. Disso surge a necessidade de discutir o lugar ocupado pela mulher, tanto quanto o seu papel e sua importância no cinema.

Durante muito tempo na indústria cinematográfica, muitas cineastas mulheres tiveram seus filmes rejeitados e apagados da história do cinema. Ter uma quantidade maior de homens trabalhando em veículos de crítica cinematográfica influencia a escolha de filmes a serem considerados importantes e de relevância social. Essa área do cinema ser de maior parte composta por homens afeta diretamente nas histórias que serão contadas pelos filmes (CAÚ, 2020).

O cinema tem o poder tanto de criar, como de destruir rótulos e padrões e de mudar a percepção das pessoas em relação a devidos assuntos, de levantar questões e bandeiras como o feminismo, influenciando e sendo influenciado por movimentos sociais (ALVES, 2020). Para a retratação do feminismo e de diversos outros temas sociais, a participação e olhar da mulher no cinema é essencial e, apenas nos dias atuais, vem se tornando de maior protagonismo.

No surgimento do cinema, com diretores e roteiristas homens no comando dos filmes, as atrizes foram usadas como ferramenta para atrair o público ao cinema. A beleza das protagonistas femininas trazia mais público para assistir aos filmes, então foram exploradas técnicas de

filmagem e luz especialmente voltadas para tornar a fascinação sobre a beleza dessas mulheres ainda mais surreal, o que foi muito usado por Hollywood para tornar seus filmes em grandes sucessos de bilheteria mundial, influenciando, assim, os cinemas de vários países e tornando a imagem da mulher e de seu corpo, ao redor do mundo, um objeto para o consumo e também estipulando falsos padrões de beleza sobre a aparência feminina. (ALVES; ALVES; SILVA, 2012).

O cinema clássico, por trás da manipulação do corpo feminino como objeto de consumo e da utilização de estereótipos, reafirma a distinção de papéis de homens e mulheres, não só refletindo a sociedade como influenciando-a, num círculo vicioso. Por isso, a modificação da imagem da mulher no cinema sempre teve imensa importância para o movimento feminista, não apenas como seu reflexo, mas, como seu aliado no sentido de mudar a imagem da mulher na sociedade. (ALVES, ALVES e SILVA, 2012)

Sabendo da importância do cinema, tanto para a construção quanto para a destruição de rótulos e ideias, para diversos autores da teoria de gênero, para se conquistar equidade entre homens e mulheres na sociedade, é preciso haver uma mudança na representação da mulher na cultura, nas artes e na mídia (ALVES; ALVES; SILVA, 2012).

Entre os anos 1950 e 1970, quando acontecem festivais independentes de cinema na Europa, o cinema das mulheres começa a fazer sucesso. Isso acarretou, durante a década de 70, mudanças na exibição das mulheres em seus papéis, apresentando-as como seres humanos reais e complexos, com qualidades e defeitos para além de suas características físicas, levantando importantes movimentos sociais, sendo um desses o feminismo. (ALVES; ALVES; SILVA, 2012).

Porém, foi no começo dos anos de 1900, quando grandes estúdios de cinema ainda não existiam, que as mulheres acharam oportunidades de fazer cinema. Alice Guy Blaché, cineasta francesa, a primeira grande cineasta e roteirista de filmes de ficção, foi quem criou algumas das técnicas de filmagens ainda usadas atualmente por muitos cineastas. (TREMILLS, 2005, p. 43)

Embora apagadas e esquecidas, mulheres tiveram papel importante para o desenvolvimento do cinema, desde sua criação em 1895 pelos irmãos Lumière. Essas mulheres

foram pioneiras e trabalharam como diretoras, roteiristas e produtoras pelo cinema por todo o mundo. Algumas delas conseguiram desenvolver conjuntos filmográficos deslumbrantes. (MACHADO, 2018)

Em 1906, Alice Guy fez um filme de comédia, pelo cinema mudo, chamado “As consequências do feminismo”, que mostrava uma perspectiva de gênero que não coincidia com o pensamento da época, pois as perspectivas de homem e mulher são trocadas e os lugares desses na sociedade se invertem. Com um trabalho de tamanha importância, questionando os papéis impostos pela sociedade, em uma época que isso não era discutido, Alice Guy marca assim o início do cinema feminino.

Figura 1. Mulher com os pés para o alto enquanto homens fazem os trabalhos da casa em "As consequências do feminismo"



Fonte: KÜRTEEN, 2019

As cineastas exploram o problema da definição do feminino numa situação onde as mulheres não têm voz ativa, não tem discurso, não tem lugar de onde possam falar, e examinam os mecanismos através dos quais as mulheres são relegadas à ausência, ao silêncio e à marginalidade, tanto da cultura como nos textos clássicos e no discurso dominante. (KAPLAN; PESSOA, 1995, p. 27)

Durante o período de 1900 a 1920, havia muitas mulheres na indústria, diretoras e roteiristas, devido ao sistema do cinema independente, entretanto, no final dos anos 20, estúdios começaram a tomar conta do meio cinematográfico. Esses grandes estúdios, que têm como maior preocupação o lucro trazido pelos filmes, eliminaram as mulheres do cenário do cinema, por considerar seus trabalhos de grande risco financeiro. (TREMILLS, 2005, p.43)

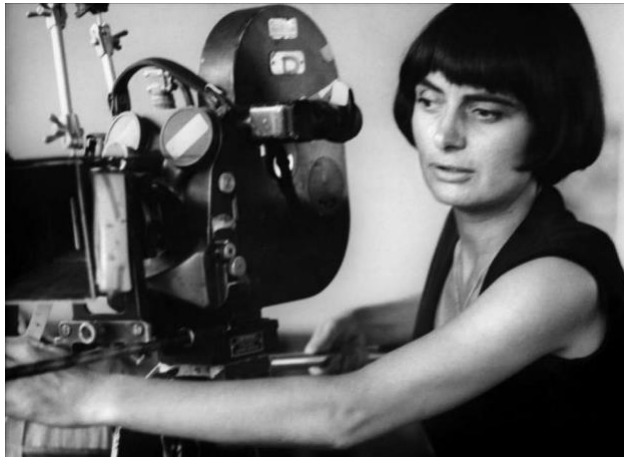
Mais tarde, durante as décadas de 50, 60 e 70, quando ascenderam grandes movimentos feministas por todo o mundo, principalmente na Europa, as mulheres voltaram a participar mais ativamente do cinema em múltiplos campos.

A presença do olhar feminino nas artes vem sendo mais discutida atualmente, mais presente em festivais de cinema, em exposições de arte e conferências de cinema (NATÉRCIA, 2005). Expressam-se diferentes visões sobre a estética em produções artísticas femininas, de acordo com Luciana Grupelli Loponte, doutora em arte, gênero e educação: “Não há necessariamente uma distinção estética entre as produções artísticas de mulheres e homens”. O que diferenciaria essas produções femininas seriam experiências vividas por essas mulheres, modos de ver e entender certo assunto que apenas mulheres conseguiriam representar nas telas de cinema. (apud. NATÉRCIA, 2005)

Agnés Varda, cineasta e fotógrafa, nasceu na Bélgica, no ano de 1928 (Figura 2). Iniciou a sua carreira durante a década de 50 e fez parte de grandes movimentos do cinema como o da *Nouvelle Vague*¹. Para uma mulher, fazer parte de tal movimento e ser tão reconhecida, em uma década em que a repressão e o machismo eram ainda maiores, foi de grande feito.

Figura 2. A cineasta e fotógrafa Agnès Varda no início da sua carreira

¹ Movimento artístico do cinema francês que se insere no movimento contestatório próprio dos anos sessenta.



Fonte: BORGES; JESUS, 2010

A escolha de Agnès Varda para perceber o cinema também como o lugar e o olhar da mulher vem de ela ter construído uma carreira e imagem significativas para si mesma dentro da indústria cinematográfica. Nesse sentido, o trabalho de Agnès será explorado com o intuito de analisar alguns aspectos de sua linguagem ao formar histórias, levando em consideração o cenário feminista da época, percebendo, assim, a sua importância no cenário cinematográfico feminino atual.

JUSTIFICATIVA

A ideia para esse projeto surge do interesse pela arte do cinema, pela sua história e pela linguagem cinematográfica, além da preocupação com as implicações da disseminação de uma visão unicamente masculina em filmes. Esses filmes, então feitos em sua maioria por homens, abordam as histórias, muitas vezes, por uma visão mais masculina e, desse modo, focam em um público mais masculino. Na atual situação, em que mais mulheres vêm lutando para ocupar lugares que, há alguns anos atrás eram ocupados exclusivamente por homens, é importante que essas mulheres possam se sentir representadas e acolhidas pelo cinema, e eu, como uma mulher que gostaria muito de, um dia, poder ser parte do cinema, me sinto obrigada a tratar e refletir sobre o assunto.

O cinema é um dos meios de arte mais acessível na sociedade atualmente. Além dos cinemas locais, muito presentes em *shoppings*, hoje em dia as pessoas também têm a opção de assistir a seus filmes em casa, por meio de serviços de *streaming* ou de canais por assinatura. Por

esse tipo de arte estar mais presente em nossas vidas, também é a que mais influencia nossos modos de pensar. Isso, então, torna a representatividade feminina no cinema tão importante na sociedade atual. Com a mudança dos nossos modos de pensar, ao longo do tempo as pessoas vêm lutado para atingir uma sociedade mais igualitária e justa, fazendo o cinema uma área mais representativa. A influência dessas diretoras pode contribuir para se atingir uma sociedade mais igualitária no futuro.

A escolha da diretora Agnès Varda foi feita por ela trazer, em seus filmes, uma linguagem cinematográfica muito forte e marcante, tornando-a uma das diretoras de cinema mais conhecidas em sua área. Ela também foi escolhida para esse trabalho por ter começado a fazer seus filmes em torno da década de 50, uma época muito contraditória para uma mulher ter um cargo de diretora de cinema.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar a linguagem cinematográfica de Agnès Varda e verificar a relevância da presença feminina dentro do cinema e o como se deu o seu surgimento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Identificar como se deu a entrada das mulheres na indústria cinematográfica;
- 2) Verificar o cinema de Agnès Varda à procura do olhar feminino;
- 3) Fazer uma análise do documentário “As praias de Agnès” dirigido por Agnès Varda.

METODOLOGIA

Este projeto baseia-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório. Usará como estratégias de pesquisa a revisão bibliográfica de artigos e livros buscados nas bases de dados Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Além disso, também será realizada uma análise fílmica de fragmentos cinematográficos, de acordo com Alain Bergala. Serão usadas como palavras-chave: cinema, Agnès Varda e feminismo.

A monografia será composta por dois capítulos, sendo o primeiro referente à análise do cinema de Agnès Varda e o segundo à análise do documentário “As praias de Agnès”

CAPÍTULO 1: AGNÈS VARDA E O CINEMA FEMININO

Arlette Varda, mais conhecida como Agnès Varda, fez sua carreira na França, durante a década de 50. Ela, além cineasta e fotógrafa, engajou-se em todos os afazeres do cinema, sendo de roteirista a cenógrafa, e se tornou muito consagrada em sua área, sendo ponto de referência no cinema mundial. Seus filmes não só a marcaram como grande cineasta, mas também revolucionaram a história do cinema. Suas obras sempre foram focadas no realismo, em importantes temas políticos, feministas e de crítica social. (STUBBE)

Em 1954, Varda inicia sua carreira no cinema com o filme “La Point Courte”, filme que exhibe a história de amor de um casal com o paralelo da vivência de pescadores da cidade. Varda que já atuava como fotógrafa, em suas obras não só fotografa, mas usava sua câmera para conversar com os atores, sempre procurando a melhor posição para mostrar o que desejava. Nesse filme, as cenas que mostravam o casal eram sempre filmadas mostrando a cidade, suas ruas e assim os pescadores: “a imagem cinematográfica se faz visitar por esse dilema do real, o real que se imiscui na ficção, enquanto a cidade se torna uma protagonista” (BRASILIENSE, 2017). “La Point Courte”, lançado mesmo antes do início do Nouvelle Vague, se tornou um dos filmes mais importantes para tal movimento, por sua visão realista e humanizada para contar uma história, sendo até mesmo considerado como o filme que deu início ao movimento, mostrando assim a importância de Varda para o cenário cinematográfico da época.

Figura 3. Imagem retirada de “La Pointe-Courte”, primeiro filme de Agnès Varda



Fonte: NATÁLIO, 2014

1.1. Varda e a Nouvelle Vague

Varda foi a única cineasta do movimento “Nouvelle vague”, que se traduz como “Nova Onda”, termo adotado por Françoise Giroud na revista *L'Express*, ao fazer referência aos novos artistas do cinema. (MARQUES)

O movimento aconteceu em torno do final de 50 e do começo de 60, no cinema francês. Esse acontecimento reuniu um conjunto de diretores, autores, acontecimentos e ideias, que consistia na “libertação” do cinema, se opondo tanto aos cortes radicais propostos pelo cinema russo, quanto às edições “invisíveis” do cinema hollywoodiano, focando em planos mais longos e de maior profundidade. (BRASILIENSE, 2017)

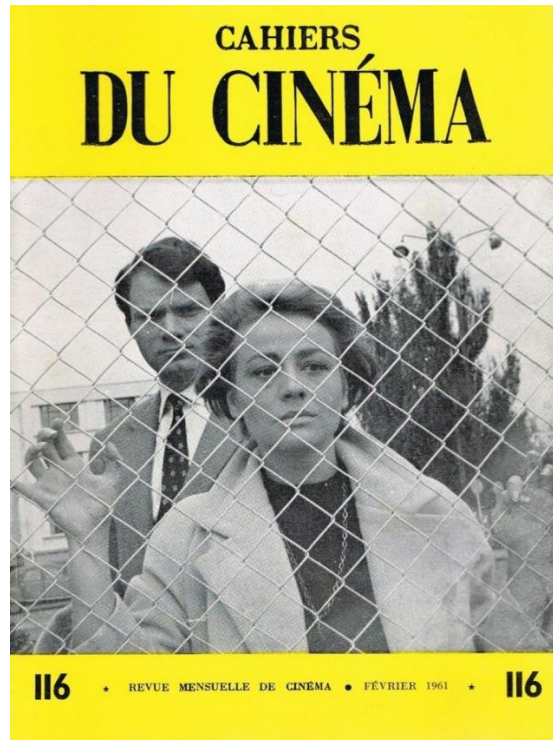
Os filmes do movimento surgiram buscando uma estética mais realista, roteiros mais fluidos, que focavam no psicológico dos personagens, mostrando-os como seres imperfeitos e mais humanizados. Tais mudanças vieram principalmente em personagens femininos, que se mostravam diferentes das divas inventadas pelo cinema hollywoodiano e nos roteiros, os quais passaram a ter mais aspectos intelectuais, argumentando sobre diversas críticas sociais. Além disso, as obras produziam alternativas criativas quando não eram dados grandes orçamentos. (MARQUES)

Alguns dos grandes fatores para a percepção e a criação desse novo cinema foram gerados pela situação socioeconômica da Europa após a Segunda Guerra Mundial. Com o abalo das tradições e modos nesse período, a França passa a recorrer às suas antigas tradições, de antes da guerra, que incluíam o cinema narrativo convencional, mas uma força vinda da rebelião questionava as velhas maneiras de fazer cinema. (ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA)

Nas sociedades afetadas pela Segunda Guerra Mundial a população tardou a esquecer os conflitos, combates e massacres que presenciou. Na mesma época, entretanto, ocorreu nesses países uma maior liberdade na produção cultural no que tange ao tratamento de temas politicamente suprimidos. É nesses países, também, que surgem mudanças estruturais e também de linguagem na cinematografia que passa a aspectos da guerra e sua ingerência nas sociedades. (BRASILIENSE, 2017)

A revista *Cahiers du Cinéma*, fundada pelo crítico André Bazin, foi casa para críticos que mais tarde se tornariam grandes diretores da Nouvelle Vague. (MARQUES). Segundo Bazin, visto como o centro da abordagem realista, uma tomada deveria permitir ao espectador interpretar, representando o mundo real. Segundo Brian Henderson, para Bazin, “a arte cinematográfica não tem uma forma geral exclusivamente sua, mas sim a do próprio real. Bazin tem uma teoria do real, não uma estética” (TURNER, 1997).

Figura 4. Edição de fevereiro de 1961 da revista *Cahiers du Cinéma*



Fonte: <http://www.revistainterludio.com.br/?p=7052>.

A abordagem cinematográfica de Bazin se compara, até certo ponto, com a de Agnès. Esses cineastas tomam uma percepção estética e histórica mais realística em seus filmes. Essa iniciativa de fazer mais real o cinema e de querer mais real, menos manipulativo, a deixar a narrativa à análise do espectador, foi elemento base para a formação da *Nouvelle Vague*.

Varda foi denominada a mãe da Nouvelle Vague uma vez que foi a única a participar do grupo dos novos cineastas, mais de 140 homens que se candidataram a trabalhar como diretores de cinema nessa época. Mas a mãe, muito embora separada dos filhos, adquiriu autonomia e respeito à sua identidade humana, muito mais do que à subjetividade feminina. (BRASILIENSE, 2017)

Entre tantos outros filmes de Agnès, outro dos muito importantes para o movimento é “Cléo de 5 à 7” que conta a história de uma cantora, Cléo, que está à espera do resultado de um exame que comprovará ou não o diagnóstico de câncer de estômago. Ela vai a uma cartomante que diz a ela achar que Cléo está, sim, muito doente e assim se passa a história em uma contagem regressiva de 90 minutos até o resultado do exame estar pronto. (BRASILIENSE, 2017).

O filme lida com sentimentos como o medo da morte e discute bastante esse tema e, assim como “La Point Courte”, no filme de 1962, a protagonista passeia pelos lugares da cidade e pelas pessoas, proporcionando a ela conhecimento de si, da cidade e dos outros. Durante os 90 minutos de filme, o público se afeta pela agitação da personagem nas telas, o que é causado pela aparição da morte, simbólica, em diversas situações do filme. Além de seus medos, nessa obra, Varda mostra uma protagonista a par de seus sonhos e de suas expectativas, papel que geralmente era ligado a personagens masculinos. (BRASILIENSE, 2017)

De acordo com Agnès, “a história de Cléo me toca: é o retrato de uma mulher, jovem e bela, fútil e adulada, que, subitamente, é obrigada a pensar na morte [...] Ela é só e sem defesa para suportar a ideia da morte” (VARDA, In: SELIER, 2005, p. 189). Varda conseguia contar histórias simples, com absoluto louvor, nas quais sempre colocava, dentro das narrativas, a mulher no papel de destaque, mostrando a diversidade da mulher como pessoa e desfazendo a caricatura de “diva” imposta à personalidade e à aparência das mulheres. Como vemos no filme de Cléo, apesar de mostrar uma protagonista fútil e obcecada por sua imagem, Varda a coloca de frente a uma situação em que ela é posta a pensar em sentimentos profundos, fazendo-a perceber a vida à sua volta.

Figura 5. Cena do filme “Cléo de 5 à 7” de Agnès Varda



Fonte: MIRANDA, 2019.

A carreira da cineasta, no entanto, não se limitou ao movimento da *Nouvelle Vague*; até seus 90 anos, no ano de 2019, ano de sua morte, Varda trabalha em seu último filme, denominado

“Varda por Agnès”, um filme autobiográfico, em que ela expõe sua carreira e seu processo criativo, tanto como fotógrafa, cineasta e artista.

Outra de suas obras é “Os Renegados” (1985), filme que ganhou alguns dos prêmios mais importantes de Veneza e é também um dos mais importantes para a filmografia da cineasta. O filme começa com a protagonista morta e, após isso, o filme retrocede e mostra como se deu a jornada de Mona, a protagonista, até o trágico acontecimento de sua morte. A personagem principal demonstra uma personalidade intrigante, sendo uma pessoa que diz não a tudo, como para se parecer em liberdade. (QUART; VARDA, 1986, tradução nossa)

O título do filme em francês, “*Sans toit ni loi*” (Sem teto ou lei), se refere tanto ao estado de Mona viver pelas ruas em pleno inverno, quanto à condição de sua pessoa não ligar para nada, nem ninguém, criando, assim, segundo Barbara Quart, “uma liberdade tão total que pode ser o mesmo que solidão, e como diz um dos personagens do filme, que pode somente levar à autodestruição”. (QUART; VARDA, 1986, tradução nossa)

O filme levanta questões filosóficas tão naturalmente quanto cria imagens arrebatadoras de grande beleza. Também cria, por meio de Mona, um tipo de prisma, em que se olha para diversos personagens, permitindo a Varda uma perspectiva incomum, e sempre de diversas camadas, perspectiva de “normalidade”. (QUART; VARDA, 1986, tradução nossa)

Figura 6. Cena do filme “Os Renegados”, de Agnès Varda



Fonte: 43a MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA

Muitos outros filmes e documentários de Varda valem ser mencionados, como “Os catadores e eu” (2000), “Jane B por Agnès V” (1988), “Uma Canta, a outra não”(1977), “As duas faces da felicidade” (1965). Varda apresenta um extenso currículo e de extrema variedade, conversando com diversos temas em suas obras.

1.2. A visão cinematográfica de Agnès e sua influência

Em uma entrevista Agnès diz que não consegue argumentar com diretoras americanas como argumenta com cineastas europeias. Ela diz: “eu tenho pensado muito desde que comecei, desde *La Pointe Courte*, para algo que venha de emoção, emoção visual, emoção sonora, sentimento, e achar uma forma pra isso, uma forma que tem a ver com cinema e nada mais, essa conversa eu quase nunca tive aqui, com diretoras americanas. Ou a conversa se foca em um assunto sobre mulheres, ou roteiros, a história. É uma história boa ou ruim, é uma ótima história. É sempre isso”. (QUART; VARDA, 1986, tradução nossa)

Essa entrevista reflete bem o modo de Agnès enxergar o cinema, em uma indústria que valida filmes de acordo com seu rendimento, na época em que se passa a entrevista (1986), principalmente. Demonstra também a diferença entre o cinema europeu e o americano e como o *Nouvelle Vague* influenciou a configuração da indústria cinematográfica na Europa, enquanto alguns outros países, em principal os Estados Unidos, se mantiveram firmes aos conceitos antigos.

Essa diferença também se aplica aos conceitos de feminino formados pelo cinema e como Agnès Varda enxergava o cinema como feminino, sempre colocando, na maioria de seus filmes, a mulher e suas vivências em destaque. Talvez esse fato reflita uma vontade de Agnès apresentar as diferentes facetas da mulher por meio do cinema, porém, em sua entrevista apresentada acima, ela fala de seu modo de fazer cinema baseado no sentimento e na emoção, mostrando que o cinema de Varda também era movido por suas próprias experiências de vida.

Feito a partir da emoção e baseado na mais concreta realidade, o cinema de Varda, ao contrário das obras de diversos outros diretores, colocou em centralidade a mulher, mostrando seus pontos de vista e opiniões, contrapondo, com sua direção, a visão exposta pelo modo masculino. Varda constrói, assim, um cinema feminista, lutando para expor, pelas suas obras e seu posicionamento de câmeras, histórias de mulheres para mulheres como nunca contadas antes.

Na ocasião do lançamento de *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles* (1975), Chantal Akerman esclareceu comentários a respeito do ângulo de sua câmera ser mais baixo que o que se costumava ver, afirmando que se tratava de um ponto de vista concebido a partir da altura dela, diferente da mirada de trabalhos dirigidos por homens. Um detalhe, mas que parece central para pensarmos a radicalidade e o senso de ruptura que um cinema feito por mulheres pode provocar simplesmente por uma tomada de ponto de vista. (apud. SOUZA, 2018)

Em alguns de seus filmes, em que Agnès levanta pautas feministas, ela demonstra a vida dos seus personagens em meio ao movimento feminista e não fazendo do movimento em si um personagem. No filme “Uma canta, a outra não” (1977), é contada a história de duas mulheres que se veem com suas vidas entrelaçadas perante o movimento feminista da época, mostrando tal movimento por meio das personagens. O filme não centraliza o movimento em si e conta essa luta através das personagens. A cineasta consegue trazer um senso de familiaridade ao público; até mesmo para mulheres que não acreditam ou não são a favor do movimento feminista, ver suas experiências espelhadas em personagens de cinema talvez lhes traga conforto, ao saberem que não estão sozinhas.

A motivação e a espelhação do real no cinema então se mostram fundamentais, tanto para a movimentação e o entendimento de diversas pautas sociais, não só o feminismo, mas também relevante para uma diversificação de entendimento de vida real.

CAPÍTULO 2: AS PRAIAS DE AGNÈS E A VIDA DE VARDA EM SEU CINEMA

A questão da existência de um cinema feminino vem sendo mais discutida atualmente. Há uma percepção de que o cinema montado pelas mulheres não teria diferença em relação ao cinema feito pelos homens e sim haveria diferentes experiências, as quais apenas mulheres poderiam retratar, por suas vivências particulares, vivências essas que seriam incompreensíveis para os homens. Devido ao sistema de opressão construído para as mulheres há décadas atrás, as mulheres, apesar de com menor impacto do que antigamente, ainda vêm sofrendo repressões.

“As praias de Agnès” (2008) toma como tema a vida da cineasta. Feito em 2008, quando ela tinha 82 anos, o filme mostra um tipo de jornada que faz Varda olhar para dentro de si e, para além disso, faz menção a pessoas que cruzaram seu caminho e foram importantes em sua trajetória. O filme é composto de elementos articulados de fotografias tiradas por Agnès, trechos de filmes, registros atuais do cineasta e reencenações de alguns momentos de sua vida, fazendo ela mesma uma conexão entre esses fragmentos (SOUZA, 2018)

A descrição mínima sobre a estrutura de “As praias de Agnès” nos oferece um desenho que elucida o projeto da diretora. Agnès Varda encontrou um modo de contar a vida em que o seu estar presente é variado, não restrito ao comentário que conduz a narrativa, mas compondo uma costura de tecidos diversos que constituam uma anotação sobre si. Mosaico, colcha de retalhos, bricolagem, são todas palavras que podem nos ajudar a entender o desejo da cineasta, se pensarmos na reunião de uma diversidade de tons, cores, texturas e ânios escolhida para autorrepresentação. (SOUZA, 2018)

No começo da narrativa, Agnès, que se encontra em uma praia, diz que, nesse filme, ela conta sua vida, mas que são as pessoas que ela gosta de filmar, as outras pessoas que lhe interessam, que a intrigam. “Se abrissemos as pessoas encontraríamos paisagens, mas se abrissem a mim, encontrariam praias”, fala Varda em seu diálogo inicial do filme. O que se segue depois são filmagens de Agnès e um grupo de estudantes arrumando espelhos na praia (figuras 7 e 8), onde ela iria fazer fotografias, fazendo uma menção de um filme autobiográfico com seu autorretrato nos espelhos.

Figuras 7 e 8. Cenas do filme As praias de Agnès



Fonte: AS PRAIAS DE AGNÈS, 2008.

Quando a moldura de um dos espelhos a faz lembrar dos móveis da casa de seus pais em sua infância em Bruxelas, a cineasta começa a contar memórias de sua infância, filmagens dos espelhos refletindo pessoas desconhecidas na praia servem de fundo a suas lembranças (figuras 9 e 10), além de também serem posicionadas com o intuito de mostrar parte de sua equipe, estudantes que a ajudaram a posicionar os espelhos, porém não incluindo na imagem a sua equipe de filmagem e o aparecimento da câmera. Esse modo de montar a história feito por Varda, no qual se mostra a história do personagem principal em meio à vivência das pessoas ao redor, mesmo modo que ela usa em diversos de seus filmes, exemplifica o modo cinematográfico da diretora, tomando a história do principal como mais uma entre tantas outras, não deixando de apresentar a importância dessa, mas pondo em questão a existência da vida para além da principal, tentando mostrar o que nem sempre é mostrado, falado. De tal maneira, Agnès constrói seu autorretrato por meio das pessoas que passaram por sua vida, dos filmes que ela fez e de seus personagens.

“O seu modo de olhar o mundo está afetado/implicado pelo contato com o cinema, assim como o seu desejo de falar de si é atravessado pelos encontros que, muitas vezes, os próprios filmes propiciam” (TRAMONTIN, 2020)

Figura 9 e 10. Cenas do filme *As praias de Agnès*



Fonte: AS PRAIAS DE AGNÈS, 2008.

Durante todo o filme Agnès passa por praias que marcaram e fizeram parte de sua vida, tornando essas como ponto de referência de suas histórias. A visão de Varda sobre as praias marca a perplexidade e a simplicidade da vida, como se, dependendo do ponto de vista, uma história pudesse mudar. Ela diz: “eu estive em praias por toda minha vida. Eu sei que se precisar de um lugar ideal, é o lugar perfeito pra mim”; “Tenho prazer em assistir à praia, o que significa assistir ao céu e ao mar, e se você for em um horário diferente, pode haver uma luz e um clima diferentes”.

Em uma das partes do filme, ela se encontra em uma praia, deitada na área, mostrando à câmera fotos de sua infância e conversando com o público. Ela diz não sentir saudades de sua infância, porém gosta de ver as fotos então tiradas. Ela diz que sua infância não a serviu de inspiração. Depois, na cena seguinte, uma reprodução de um momento de quando criança é feito, a pequena Varda na praia fazendo montagens com conchas, usando de sua filmagem como uma redescoberta e uma repassagem da época em que era criança.

Em uma conversa com o espectador, a cineasta afirma não ser muito ligada à sua infância, no entanto, por meio de remontagens e de recordações de sua história, a cineasta vai se lembrando de influências que sua vida como criança teve em seu cinema.

Figura 11. Cena do filme “As praias de Agnès”



Fonte: AS PRAIAS DE AGNÈS, 2008.

Em uma cena, o atual dono da casa de infância de Varda, ao anunciar que vai vendê-la, convida a diretora a fazer uma visita ao seu antigo lar. Ao chegar à casa, começa pelo jardim, que Agnès observa estar mal cuidado e lhe trouxe a lembrança do antigo lago que ali ficava. Ela, no entanto, diz que o lugar não lhe evocou sentimento algum. Ela diz se recordar pouco de viver naquela casa e se lembrar por meio de algumas histórias contadas a ela pela mãe. Após visitar o jardim, Varda vai até seu antigo quarto, do qual se via a Abadia de la Cambre e o jardim da casa. Enquanto a câmera mostra imagens da casa e da vista que esta oferece, Agnès narra seus sentimentos e conta ao telespectador algumas lembranças não dá casa em si, mas sim de sua família e sua trajetória. A escolha de Agnès, ao fazer seu filme desse modo, coloca o público em coerência com a história. Varda nos envolve em sua vida, fazendo-nos presentes em momentos de sua história.

O então atual dono da casa desejava mostrar a sua coleção de trens em miniatura à cineasta, que mostra grande interesse por seu hobby e, por meio de sua vida, ela se interessa pela vida do casal morando na casa. "Senti-me inspirada por esse casal e por sua coleção de trens. Não me tocou particularmente rever a minha casa." ela diz.

Aos poucos, toma-se percepção da influência de sua infância em seu cinema; ao contar as atividades comuns que mais gostava de fazer na adolescência, ela cita que gostava de cantar com seu grupo de escoteiras, essas que, mais tarde, Varda descobre serem judias que fugiam da

guerra. Com essa lembrança, Agnès traz um de seus trabalhos, um curta-metragem que fala do tratamento dirigido aos judeus naquela época.

Varda, que marca nesse filme, sua vida pelas praias onde viveu, mostra como isso se torna presente em sua filmografia. Em lembrança de suas praias, ela diz lembrar de gostar da pesca na praia, o que se torna presente em seu primeiro filme, *La Pointe-Courte*, filme que também liga duas narrativas através do lugar em que ambas se passam. Ao fazer uma visita a cidade em que se gravou o filme, Agnès conecta a vida dos residentes da cidade, que, na época, eram crianças e agora aparecem nas novas imagens mais velhos.

A conexão entre seus filmes e seu passado é feita visivelmente quando, em uma cena, uma montagem é realizada, de duas fotos do mar, enquanto Agnès conta de quando fugiu de casa e o que fez ao chegar ao seu destino.

Figura 12. Cena de “As praias de Agnès”



Fonte: AS PRAIAS DE AGNÈS, 2008.

Entre essas e tantas outras cenas, a cineasta marca como sua vida teve poder em seu cinema; mesmo anteriormente admitindo que sua infância não a marca, é retomando aos poucos sua história que ela percebe como seu cinema é fruto de sua vivência. Sendo essa influenciada pelo fato de Agnès ser mulher, seu cinema leva consigo importantes passos para a mulher no cinema.

“Eu era uma jovem tensa, reservada, complexada, tudo me intimidava, e tinha um problema a resolver: como entrar no mundo dos homens que me assustavam e me intimidavam e

de quem eu tinha má impressão?” é o que diz a cineasta em uma cena. Isso demonstra o processo dela: da jovem intimidada à mulher que mostrou no cinema a realidade da vida de uma mulher. Suas personagens, nada idealizadas, que demonstravam a vida em si, talvez fossem criadas a partir de um sentimento de Agnès, de acordo com suas experiências como mulher na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema foi e é influenciado por diversos fatores, assim como influencia a vida. Com o passar do tempo e os diversos movimentos e guerras da sociedade, alguns contextos cinematográficos mudaram. Com o passar do tempo, as mulheres, que eram poucas e atuavam escondidas no cinema, se tornaram mais presentes e puderam formar um novo cinema, cinema esse que não é restrito ao aspecto feminino e que aconteceu por meio de diversas manifestações de descontentamento da sociedade com o cenário do cinema antigo. Após um período de guerra, os espectadores queriam mudança. Um cinema mais livre, então, tomou conta de parte importante da produção cinematográfica, fazendo filmes que não eram realizados apenas pelo seu valor de mercado; houve a libertação das histórias, da direção e da atuação, o que teve grande influência no modo de se fazer a mulher como personagem no cinema, tornando as personagens mais humanizadas e menos como caricaturas femininas.

Agnès Varda, como diretora de renome da *Nouvelle Vague*, fez diversos filmes que se distinguiram dos moldes de Hollywood. Na maioria de seus filmes, ela contou histórias de mulheres, diversas, diferentes, profundas e reais. Apesar de muitas vezes falar sobre o movimento feminista, o seu cinema tocava nesse ponto por meio de seus personagens, fazendo uma ligação entre o movimento e suas vidas, tornando assim a história mais tangível ao público, fazendo com que esse se identificasse.

Muitas vezes o cinema de Varda toma como principal a mulher, tornando essa figura mais realista e menos caracterizada, entretanto, a cineasta não toma o personagem feminino como ponto de luta feminista, e apesar de abordar esse tema, ela faz uma concordância das personagens com a vida cotidiana, tentando mostrar as opiniões e pensamentos de tais.

Seu modo de fazer cinema, como mostrado em “As Praias de Agnès” parte de suas vivências e da influência das pessoas que permearam sua vida e não por ser mulher. Mesmo tendo esse fato influenciado em sua obra, ela aborda suas histórias baseado na emoção e no sentimento.

Quando se pensa em cinema, se pensa em Agnès. Sua contribuição para o cinema expandiu os horizontes dos cineastas da próxima geração, tanto abrindo mais portas para mulheres fazerem filmes, como para que tais histórias sejam contadas de um modo mais realista,

fugindo da dramatização e com isso fazendo o público se sentir mais presente como parte do cinema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, P; ALVES, J. E. D; SILVA, D. B. N. Mulheres no cinema Brasileiro. Uberlândia/MG, v. 24, n. 2, p. 365-394, Jul./Dez. 2011.

AS PRAIAS de Agnès. Direção: Agnès Varda. 110 min. França, 2008.

BRASILIENSE, M. B. **A representação do corpo feminino na Nouvelle Vague e no Cinema novo, 1962 – 1972**, 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

BLACHÉ, Alice Guy. The Consequences of feminism. 1906b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bIPMbkHQO3w>. Acesso em: 18/02/2022.

BORGES, C; JESUS, S. Memória de gestos na obra de Agnès Varda: pintura, fotografia, cinema. ARS (São Paulo) 8 (16) • 2010 • <https://doi.org/10.1590/S1678-53202010000200005>

Cahiers Du Cinéma 1951 – 1964. **Revista Interlúdio**, 2014. Disponível em: <http://www.revistainterludio.com.br/?p=7052>. Acesso em: 03/03/2022

CAÚ, M. S. C; **Quem decide as histórias que vão ser contadas? Algumas palavras sobre o volume “Mulheres atrás das câmeras” e o apagamento do cinema brasileiro feito por mulheres**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, 2020.

KAPLAN, Elisabeth Ann.; PESSOA, Tradução de Helen Márcia Potter. A mulher e o Cinema: os dois lados da câmera. [S.1.]: Rocco, 1995.

KÜRTEEN, J. Rediscover the first Woman of film history: Alice Guy. News/DW, 2019. Disponível em: (<https://www.dw.com/en/rediscover-the-first-woman-of-film-history-alice-guy/a-50042679>). Acesso em: 18/02/2022

LUSVARGHI, L. **As cineastas da Retomada e os Novos Cinemas: feminismo e cinema autoral no Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020

MACHADO, S. S. Uma Outra História: A “esquecida” nação do cinema das mulheres, 2018.

MARQUES, M. R. Movimentos do Cinema: Nouvelle Vague. **Instituto de cinema**. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/movimentos-do-cinema-nouvelle-vague>. Acesso em: 02/03/2022

MIRANDA, L. P. **Cléo das 5 à 7 – 1962 (Resenha)**. Canto dos Clássicos. Disponível em: <<https://www.cantodosclassicos.com/cleo-das-5-as-7-1962-resenha/>>. Acesso em: 03/04/2022.

NATÁLIO, C. La Pointe-Courte (1954-55) de Agnès Varda. **À Pala de Walsh**, 2014. Disponível em: <https://www.apaladewalsh.com/2014/10/la-pointe-courte-1954-55-de-agnes-varda/>. Acesso em: 02/03/2022

NATÉRCIA, F. Como definir a presença do olhar feminino nas artes. **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Cienc. Cult. vol. 57 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2005

QUART, B; VARDA, A. Agnes Varda: A conversation. **Film Quarterly**. University of California Press. Vol. 40, No. 2 (winter, 1986-1987), pp 3-10.

Nouvelle Vague | Academia Internacional de Cinema (AIC). Academia Internacional de Cinema (AIC) | Cursos de Cinema. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/nouvelle-vague/>>. Acesso em: 04/03/2022

SELLIER, G. La Nouvelle Vague: un cinéma au masculin singulier. Paris, FR: CNRS Éditions, 2005.

SOUZA, Tainah Negreiros Oliveira de. A vida e a obra de Agnès Varda em As Praias de Agnès (2008). 2018. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.27.2018.tde-18092018-170920. Acesso em: 2022-03-04.

STUBBE, L. Mulheres no Cinema: Agnès Varda. **Instituto de cinema**. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/mulheres-no-cinema-agnes-varda>. Acesso em: 02/03/2022

TRAMONTIN, B. K. **Autorreflexividade, autorretrato e mosaico-retrato em As praias de Agnès**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do sul de Santa Catarina, Palhoça, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3236>. Acesso em: 02/04/2022

TREMILLS, K. Where have all the women gone? **Moving Pictures Magazine**. V. 1, issue 3, jan./ fev. 2005. Phoenix: Moving Pictures International, Inc., 2005.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus editorial, 1997

WILLIAMS, R. Agnès Varda: “Memory is like sand in my hand”. the Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2009/sep/24/agnes-varda-beaches-of-agnes>>. Acesso em: 03/04/2022.

43ª Mostra Internacional de Cinema - Filme - OS RENEGADOS. Mostra.org. Disponível em: <<http://43.mostra.org/br/filme/9250-OS-RENEGADOS>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

